Ano 29.º — Sábado, 1 de Agosto de 1936 — N.º 1434

O DEMOCRATA

(AVENÇADO)

Semanário Republicano de Aveiro

Redacção e Administração
RUA MIGUEL BOMBARDA, 21

Composição e impressão
Tipografia Lusitânia
Rua Eça de Queirós, n.º 3-AVEIRO

Director e Proprietário
Arnaldo Ribeiro

Editor e administrador
Manuel Alves Ribeiro

Toda a correspondência deve ser dirigida ao director

Representação exclusiva de publicidade para Lisboa e Pôrto—Agencia Havas

Despesas públicas

=o=

É bastante instrutivo o exame dos números referentes às despesas públicos nas contas relativas à gerência de 1934-35, vindas a lume recentemente.

As despesas, previstas e fixadas no orçamento geral do Estado, com excepção dos serviços autónomos, somavam 2.176.000 contos. Como a duração do ano económico foi prorrogada por seis mêses êste número sofreu um aumento de 50 por cento, vindo a atingir um total de 3 264.000 contos. Fôram ainda abertos créditos, posteriormente, com compensação em muitos adicionais, no montante de 110 mil contos.

Podiam, portanto, legalmente, as despesas públicas atingir, nos dezoito mêses do ano económico, 3.374 mil contos.

Mostram as contas que fôram expedidas autorizações de pagamento na importância de 2.887.000 contos, sendo efectuados pagamentos no valor global de 2.886.000. A insignificância de diferença é, por si só, demonstrativa do afinamento dos serviços, provando que as contas são apresentadas em dia e prontamente liquidadas e satisfeitas. E verifica-se, nêste aspecto, um progresso gradual mas sensível: em 1933-34, num volume bastante menor de despesas, a diferença fôra ainda de 3 mil contos.

Vê-se, pois, que entre as despesas previstas no orçamento e as autorisações de pagamento expedidas existe uma diferença de 487 mil contos.

Não póde, evidentemente, toda esta verba ser levada à conta de economias efectivamente realizadas.

Há que distinguir.

Por um lado, há casos em que se prevê a constituição de encargos que não vêm; depois, a contraír-se, por motivo de atraso nos fornecimentos, por exemplo. Calcula-se em 27 mil contos a importância das despesas que, por êsse motivo, se deixaram de efectuar.

Há outros casos em que as obras previstas não atingem a amplitude que se calculára. Nêste grupo se incluiram, no último ano económico, as casas económicas, vários liceus e outros edifícios públicos, os trabalhos dos portos e dos caminhos de ferro. A diferença nêste capítulo é enorme —cêrca de 271 mil contos.

Há ainda despesas de fomento com contrapartida em receitas consignadas, em relação às quais acontece não se efectuàrem por não ter sido cobrada a receita correspondente. Por essa razão se não efectuaram, em 1934-35, mais de 14 mil contos de depesas.

Somam todas estas diferenças 312 mil contos.

Os restantes 175 mil contos representam, na sua grande maioria, economias efectivas realizadas nos serviços.

Em 1933-34, a diferença da mesma proveniência entre as despesas orçadas e as autorisações de pagamento expedidas atingira 93 mil contos.

Significa isto que, mesmo tendo-se em conta a duração excepcional do ano económico último que abrangeu dezoito em vez de doze mêses, mesmo assim aumentou, em proporção, o volume das economias efectivamente realizadas.

Se a produtividade real dos rendimentos do Estado, supria sempre aos cálculos orçamentais, contribue para o saldo positivo das contas apreciavelmente, certo é que para êle concorre igualmente a zelosa e económica administração no capítulo das despesas.

Estimadas por baixo as receitas e pelo alto as despesas, segundo os bons princípios da orçamentologia, as contas não pódem deixar de apresentar resultados singularmente animadores.

S. N.

Efemérides

1 de Agosto

1780—Nasce Lamarck, o criador das doutrinas transformistas.

1789—Proclamação dos direitos do homem pelas Constituintes Francêsas.

Festival no Jardim

—o—

Promovido pela Associação H. dos Bombeiros Voluntários realiza-se hoje, à noite, mais um festival no Jardim Público, revertendo o produto das entradas a favor do seu cofre.

Exibe-se o *Rancho Regional das Lavradeiras de Meadela* (Viana do Castelo) que o ano passado, num certamen de ranchos efectuado no Campo do Lima, do Pôrto, foi classificado em primeiro lugar.

O programa será executado pela seguinte ordem: *Regadinho, Caninha Verde, O nosso vira, Anda a roda, Rosinha do meio, Desfolhada, Chula, Malhão, Vira que vira* e o *Linho*.

Consta-nos que se prepara condigna recepção ao rancho minhoto, que em Viana foi duma gentileza inexcedível para com os aveirenses que ali fôram, no domingo, em excursão.

OS AVEIRENSES EM VIANA

UMA VISITA MEMORAVEL

Sentimo-nos pequenos—para que negá-lo?—verdadeiramente insignificantes para referir ou dar uma pálida ideia da recepção e das gentilezas com que Viana cumulou os aveirenses na sua recente visita a essa encantadora cidade do alto Minho.

A recepção dispensada a Aveiro pelos Vianenses que, em massa, numa amálgama de tôdas as categorias sociais, como um só peito, como uma só alma, nos abriram os braços e nos cingiram num amplexo para o qual não há palavras que traduzam, nem ao de leve, sequer, a grandeza e a fraternidade com que fomos recebidos, é daquelas que ficam gravadas, para sempre, na memória.

No *Deve* e *Haver* das velhas relações entre Viana e Aveiro destaca-se, na respectiva conta corrente, um grandíssimo saldo contra nós! Êsse saldo foi agora elevado a quantia fabulosa, quantia que nunca poderemos satisfazer, porquanto a princeza do Lima tem nos sempre dispensado recepções inexedíveis em carinho e fidalguia, nomeadamente a de agora, que foi estonteante, maravilhosa, difícil de escrever.

A-pesar-da chuva que caía, à passagem do comboio por Barrozelas e Darque, os dessas duas localidades visinhas de Viana, tributaram às gentes do Vouga manifestações de simpatia que nos sensibilizaram. Uma vez na cidade do Lima, verificou-se que a aliança entre Viana e Aveiro, ungida pelo decorrer de tantos anos, longe de arrefecer, cada vez se encontra mais arreigada, numa estreita comunhão de princípios e de afectos, como se, na verdade, os seus povos fôssem irmãos gemeos, gerados no mesmo ventre, filhos dos mesmos pais!

Respirando o mesmo hálito do oceano, ouvindo o mesmo marulhar das ondas, refrescadas pela mesma brisa, abrindo o pensamento aos vôos triunfantes da inspiração, numa santificada comunhão de almas—Aveiro e Viana—*duo in carne una*— vivem uma para a outra, num anceio constante de namorados, na procura permanente e insaciável duma paixão que o tempo jàmais apagará.

A chegada

aN *gare* de Viana aguardavam os excursionistas—*Club dos Galitos* com o seu grupo cénico, *Banda José Estêvão*, bombeiros, delegações de outras colectividades locais com os seus estandartes e muitos outros aveirenses —milhares de pessoas, todo o povo de Viana que acorreu a saüdar-nos, organizando-se em seguida o cortejo que se dirigiu, debaixo duma chuva constante, ao edifício do Govêrno Civil, sendo lançadas nas ruas do trajecto grande quantidade de flores sobre os visitantes. Nestas manifestações de carinho e afecto tomaram parte activa as gentis damas de Viana e os garbosos bombeiros daquela encantadora cidade, ficando todos surpreendidos ao constatar que dos foguetes que subiam às alturas se desprendiam simbólicos *galos* como homenagem aos nossos *Galitos*.

No Govêrno Civil

Na escadaria que dá acesso às salas da Junta Geral do Distrito, os ranchos de Caneço e Meadela com os seus trajes garridos entoam canções e cobrem os visitantes de flores, trocando-se em seguida os cumprimentos do estilo entre as duas cidades representadas pelos srs. drs. José de Matos e Alberto Souto, cujas orações deram motivo a que Aveiro e Viana vibrassem do mais puro entusiasmo.

O presidente da Câmara de Viana no seu belo improviso mostrou-se um grande devoto e amigo da nossa terra que enalteceu a cada passo e o director do museu desta cidade, agradecendo, vincou os laços de amisade que nos unem a Viana do Castelo e que hão-de perdurar atravez os tempos.

No final houvem-se estrepitosas salvas de palmas e vivas ás duas cidades encaminhando-se em seguida a comitiva para o

Sport Club Vianense

Aqui, nesta colectividade, irmã do *Club dos Galitos*, encontra-se hasteada a bandeira deste club, surpresa que muito sensibilisou os aveirenses especialmente aqueles que se ufanam de ser *galitos*.

Usou alí da palavra o sr. dr. José Barbosa, director daquela prestante colectividade que vincou a amizade entre os dois povos, que se querem como irmãos, e espraia-se em considerações que muito sensibilisam os aveirenses.

Em nome do *Club dos Galitos*, o sr. dr. Jaime de Melo Freitas, juiz de Direito da nossa comarca exprimiu-se assim:

Minhas Senhoras e meus Senhores!

A Direcção do *Club dos Galitos* entendeu dever confiar-me o honroso mas difícil encargo de proferir neste momento algumas palavras. Apresentou-me razões da sua escolha, mas confesso que vacilei, receoso de poucas forças de saúde e da exigüidade dos meus recursos.

Eu, que sempre estou, é certo, com a minha terra, em tôdas as suas dores e alegrias, e sofro e vivo o que ela vive e sofre;—eu, que fora de Aveiro me sinto mais aveirense que nunca, tambem assim sendo hoje, para ver se melhor traduzo o alvorôço dos que vieram e daqueles que ficaram, daqueles que, muito a seu pezar, não puderam partir, estando, todavia, junto de nós em pensamento, de bôca em bôca andando, em cada hora, a lembrança de que aqui nos encontramos e de que viémos como seus mensageiros; — eu, que há algumas dezenas de anos sou asssociado do *Club dos Galitos* e que, por isso mesmo, já goso o triste jus da idade; — eu, cujo nome de família diz, em Aveiro, alguma cousa e a alguma cousa obriga...— em face daquele convite, não obstante, reconheci-me pequeno para a missão de que me incumbiam!

Acedi, com efeito. Foi uma tentação infeliz. Não resisti ao desejo de dizer, embora mal, o que se passa na minha alma, quando era preciso que soubesse exprimir o que se passa na alma de todos os aveirenses,—para o que não chega a obscuridade das minhas pobres palavras!

Falar-vos-ei, pois, apenas a linguagem simples da verdade, como simples é o meu modo de ser e como simples e modestos são os propósitos do *Club dos Galitos*, na sua grande maioria constituido por gente humilde do povo, daquele povo a que tambem eu pertenço, por ascendência, e, como em outras ocasiões solenes tenho afirmado, ainda mais, e muito mais, pelo coração...

A humanidade está enferma e o povo sofre e desvaira! Mas o povo da minha terra é moderado e prudente nas suas aspirações, é bondoso e tem resignação. Respeita e admira a superioridade do talento, da educação e da virtude. Sabe conhecer distâncias, mas deseja que o tratem bem, com afabilidade. E' assim que se conquista a sua alma!

Aveiro!—terra de pescadores e mercanteis, de marnotos, de pequenos negociantes e industriais, de funcionários públicos e de empregados do comércio... Terra sem brazões! mas ainda ouço falar do Visconde de Almeidinha e dizer que, só ao vê-lo passar, logo se conhecia, pelo seu porte, que era um verdadeiro fidalgo. O povo da minha terra amava essa fidalguia, cheia de elegância e de atractivo.

Assim nós conhecemos, Vianenses, quanto nos sois superiores, mas vos amamos do intimo do nosso coração.

Senhoras e Senhores!

O tempo inexoràvelmente dilue e apaga tudo quanto é fútil, mas dá relevo cada vez maior aos factos cujo registo se tornou digno de perdurar. Na história do intercâmbio sentimental das duas pequeninas cidades do Lima e do Vouga há alguma coisa que resiste à tirania do esquecimento.

Foi há 27 anos,—em 25 de julho de 1909,—que Viana do Castelo, pelos rasgos da sua gentileza, pelos excessos da sua generosidade, pela sua fidalguia, pelos requintes do seu delicado temperamento, de subito fez de nós, aveirenses, os seus mais enleados admiradores e seus verdadeiros amigos, profunda e inalteràvelmente gratos.

Nota interessante: hà precisamente 27 anos, que se completaram ontem!

Em 29 de maio de 1910 Aveiro recebe os Vianenses. Dessa visita escreveu *O Democrata*: «Nunca em Aveiro se fez cousa semelhante, com tanta espontaneidade, com tanta alegria, com tanta sinceridade e com tanta agitação!».

Duas datas que marcam. A amizade de Viana e Aveiro tornou-se, desde então, indissoluvel.

Em 9 de julho imediato (1910), o *Grupo Cénico Tricanas e Galitos* chega a esta formosa cidade. O desempenho da *Marcha da Cadiz*, do *Neófito*, da *Pastora* etc., e os nomes de Augusta Freire, de Manuel Moreira e doutros lembrarão talvez, ainda, porque contribuiram para estreitar laços de recíproca simpatia.

Que eu saiba, só em 18 de agosto de 1923 os Vianenses, nossos queridos amigos, nos deram de novo o prazer de uma visita, levando à cena a *Feiticeira da Frágua*, de Salvato Feijó.

Voltaram em 16 de maio ultimo, com *Meninas da nossa barra*, tambem de Salvato Feijó.

Não preciso de referir-me a outras visitas de menor significado, de grupos desportivos etc. Mas lembro ainda que em 18 de maio de 1930, pelas *Bodas de Prata* do *Club dos Galitos*, ali acorreram Vianenses.

Sabemos que em todas as horas de alegria ou de desalento do meu Aveiro há Vianenses que teem estado e que estarão comnosco.

Sabemos, em especial, quanto afecto une o *Sport Club Vianense* e o *Club dos Galitos*. Este não é Aveiro, como aquêle não é Viana, porque Viana e Aveiro são imensamente mais que êsses dois clubs. Mas quando se trate de aproximar, de veras, quando se trate de agitar e de pôr em contacto a alma de Vianenses e de Aveirenses, as duas associações irmãs caminham na vanguarda.

Não creio que seja desprimor ou injustiça distinguir com esta referência, nos termos em que a faço, o *Sport Club Vianense*, e que, de igual modo, o não será citar o nome de

Films...

CONSTATÁMOS há tempo que àlém de *lágrimas amargas* também existem *lágrimas ardentes*...

A demonstração disto foi obtida num hospital americano: mais de 50 milhões de bacilos, criados num tubo de vidro, fôram mortos de repente por uma lágrima deixada caír inadvertidamente pela enfermeira que, antes de entrar no laboratório, havia tido uma discussão violenta.

Sempre se faz cada descoberta!...

— —

CORRE mundo que um jovem japonês inventou e construiu um aparelho de pêso inferior a 30 quilos, o qual, preso aos ombros duma pessoa por meio de correias especiais, permitirá, a quem o utiliza, voar a uma velocidade de 60 quilómetros à hora.

Os japoneses para inventar coisas sensacionais têm agora as inscrições tiradas...

O que ainda se não sabe é o resultado da experiência, no caso de já se ter feito...

— —

NUMA pequena cidade do Estado de Washington foi proíbido a todos os homens, maiores de 21 anos, que fizessem a barba durante seis mêses, isto por causa duma festa histórica em que tiveram de apresentar as barbas próprias da época.

Como mascarada, devia ter imensa graça.

— —

DADOS curiosos: o oceano maior do mundo é o Pacífico; o golfo mais extenso, o do México; o rio mais caudoso, o Amazonas; o lago mais extenso, o Superior, da América do Norte; a baía mais espaçosa, a de Bengala, na India; a maior ilha, a Austrália, a cidade mais populosa, Londres; o maior hotel, um em Nova York; o maior deserto, o do Saará; o maior parque, o Parque Fénix, de Dublin, na Irlanda; a montanha mais alta, o monte Everest, no Indusião; o caminho de ferro mais extenso, o Central e União do Pacífico, nos Estados Unidos; o maior canal, o Grande Canal, da China; a maior ponte, a suspensa entre Nova York e Brooklyn.

Além túmulo

António Maria Ferreira

Do reduzido número dos republicanos de Aveiro, dessa aguerrida falange que acompanhou de perto o movimento revolucionário, dedicando-se à propaganda do Ideal, fazia parte o considerado industrial António Maria Ferreira que há precisamente doze anos tombou no túmulo.

Pertencente ao antigo *Centro Escolar Republicano* que ajudou a fundar, auxiliou com a sua bolsa muitas iniciativas e em tôda a parte onde se realizavam comícios e reüniões de propaganda lá aparecia sendo dos mais entusiastas na dispensa de aplausos aos oradores.

Contribuíu com outros republicanos para a fundação de *O Democrata* e como nesse tempo já existiam os *grandes panfletários* e *eminentes jornalistas*, o honrado industrial foi também alvo das diatribes dessa aberração da natureza a quem o Exército arredou das suas fileiras por **incapacidade moral.**

Dr. Samuel Maia

Também hoje passa mais um aniversário—o 17.º—sobre a morte dêste abalisado clínico que muito contribuíu para a difusão dos princípios republicanos no concelho de Ilhavo de onde era natural.

Espírito culto e desempoeirado, o dr. Samuel Maia fez parte do escol dos republicanos que no distrito trabalharam para o advento do regimen cuja aurora raiou em 5 de Outubro de 1910.

Depois de implantada a República exerceu alguns cargos públicos, sofrendo, também, as conseqüências dessa política nefasta que tantas vezes condenámos e que levou o Exército a pronunciar-se contra as clientelas partidárias.

Escreveu várias obras literárias e científicas, deixando um nome aureolado que ainda hoje é lembrado, principalmente na terra que se ufana de lhe ter servido de berço—o seu Ilhavo.

O Democrata recordando nêste dia os dois republicanos desfolha sobre as campas que guardam os seus despojos as pétalas duma saüdade sempre viva.

Lêr a 4.ª página

Festas e romarias

Oliveira de Azemeis prepara as suas melhores galas para receber os milhares de forasteiros que àquela vila irão assistir aos grandiosos festejos que em honra da Vírgem de La Sallete, sua padroeira, terão lugar nos 8, 9 e 10 do corrente.

É das mais concorridas romarias que se realizam no nosso distrito, devendo êste ano ser abrilhantada por cinco bandas de música, uma das quais a de Infantaria 19.

Haverá deslumbrantes iluminações, o fôgo de artifício será confeccionado por hábeis pirotécnicos do Minho e as decorações das ruas e praças, segundo o programa, irão constituir novidade.

A Companhia dos Caminhos de Ferro do Valé do Vouga estabelecerá um serviço especial de combóios a preços reduzidos.

Formaturas

—o—

Acabam de se licenciar em Direito pela Universidade de Coímbra os nossos conterrâneos drs. Luís Carlos Regala de Figueiredo e David da Silva Cristo, dois novos que vão encetar a vida prática, cheios de esperança no futuro e aos quais não faltam requesitos para vencer.

* * *

Também concluíu o seu curso de Direito, na Universidade de Lisboa, o sr. dr. Henrique Paz (filho) que aqui freqüentou o nosso liceu, sendo por isso muito conhecido nesta cidade.

A todos endereçamos felicitações, desejando-lhes novos triunfos na carreira que vão abraçar.

Êste número foi visado pela Censura

um grande amigo de Aveiro, que é o senhor Dr. José de Matos!

De resto, eu falo em nome do *Club dos Galitos*, e este tem não apenas o direito mas preciso de dizer que tem a obrigação de reservar para o *Sport Club Vianense* o melhor da sua estima, da sua gratidão e do seu entusiasmo!

Pelas paredes dos salões do *Club dos Galitos* e junto dos seus mais valiosos trofeus, o emblema do *Sport Club Vianense* sobressai sempre!

Rocordação de momentos que passaram!

Saüdade de tempos que não voltam!

Folhas mortas! mas a que o nosso coração dá vida!...

Ocorreu, pois, ao *Club dos Galitos* trazer-vos, senhores do *Sport Club Vianense*, uma pequena lembrança desta nossa visita, lembrança sem valor material mas com significado, o que seria tudo. Nesta ordem de ideas, pensou-se em vos brindar com *um galito* semelhante ao que existe na nossa séde, em Aveiro. Parece-me que tal oferta vos agradaria. Preciso, porem, de antecipar-me reconhecendo que a execução deixa muito a desejar. Perdoai e consenti na dádiva, já que não foi possivel, à ultima hora, substitui-la por obrà mais digna do vosso Club e mais em harmonia com as nossas intenções.

Infelicidade no caso: o *galito* ficou muito *antipático!* Alguem de espirito disse, numa critica mordaz, que parece que o embriagaram para tornar-se mais tenro!....

Senhoras e Senhores!

Não seria razoavel tomar-vos mais tempo. Vou, portanto, terminar.

A alma humana consome-se em torturas, em aspirações insatisfeitas, em desenganos! E, o que é peor, muitas vezes se degrada até ao máximo.

Amai vos uns aos outros é preceito que a cada passo se esquece e se converte em ó d i o sem limites! Mas Vianenses e Aveirenses querem cumprir o preceito. Hà alguma cousa intima, indefinivel, que os impele para o culto cada vez mais puro da estima recíproca que os prende.

Amizade sem cálculo e sem interesse, amizade inspirada por sentimentos os mais delicados!

Vianenses e Aveirenses dão-se as mãos e as suas almas lavadas crepitam numa chama que se eleva sempre.

Vianenses! eu creio em vós, eu creio, na vossa estima, eu creio na perfeição das vossas almas... eu creio Vianenses, que nem tudo é mau neste mundo porque vós sois, abertamente, bons!

Viva Viana do Castelo!

Viva o *Sport Club Vianense!*

Vivam todos quantos nos receberam com o calor do seu afecto! Vivam!

No cemitério e junto do monumento aos mortos da Guerra

A meio da tarde e a-pezar-da chuva que não nos deixa, realisa-se a visita ao tumulo que guarda os despojos dum grande amigo da nossa terra —o padre João da Assunção. Este sacerdote foi um entusiasta pelo intercambio entre as duas cidades e por isso era justo que não o esquecessem, depondo sobre o seu coval as flores duma saüdade que nestas ocasiões revive.

No pedestal do monumento aos mortos da Grande Guerra foi colocado um ramo de flores como preito de homenagem aos filhos de Viana que pereceram durante a conflagração europeia.

Estas cerimónias foram simples mas tocantes.

No «copo de água»

É servido em seguida, aos visitantes, no *Sport Club Vianense* um fino e abundante *copo de água* que deu ensejo a vários brindes cuja série foi iniciada pelo sr. tenente Ornelas Monteiro que foi inexcedível em requintes de amabilidades para com os aveirenses. Seguiu-se o sr. José de Pinto a quem a comoção por vezes embargou a voz ao recordar o passado; dr. José de Matos que de novo vibra de entusiasmo, fala com sinceridade sôbre esta nova visita que tanto o sensibiliza e José Duarte Simão diz também da sua justiça vincando esta afeição que une a raínha do Vouga à princeza do Lima. Nesta altura entra no vasto salão o sr. dr. Lourenço Peixinho, presidente do nosso município que também brinda por Viana e logo em seguida o sr dr. Jaime Duarte Silva faz elogiosas referências à revista *Ao cantar do Galo* que os seus conterrâneos têm representado com êxito, terminando por uma saüdação à cidade amiga.

No Teatro Sá de Miranda

A' noite representou-se, como estava anunciada a nossa revista, que tanto sucesso tem alcançado, dando lugar às mais entusiásticas ovações. A casa estava completamente cheia, vendo-se muita gente de pé. Quási todos os números foram repetidos, não havendo palavras que traduzam o que ali se passou. Só visto!

No intervalo houve troca de galhardetes de palmas e de fitas, tendo usado da palavra o sr. José Duarte Simão, um componente do rancho de Meadela que leu uma saüdação e por último o sr. dr. Mendes Carneiro, professor do liceu, que assim falou:

Ilustres Visitantes:

Quizera o Grupo Cénico do Sá de Miranda possuír abastados rebanhos para, à semelhança daquêle pai de que nos fala a parábola do filho pródigo, abater hoje, em vossa honra, o seu melhor vitelo. Mas, ai dêle! que só póde sacrificar, aliás muito gostòsamente, na ara das homenagens que vos são devidas, um modesto *carneiro*.

Queridos Aveirenses:

Esta vossa visita de hoje, tendo o condão de vir reacender o rescaldo do fogo sagrado em que vivem abrazadas as gentes das cidades lindas da Beira-Vouga e da Beira-Lima, tem também o dom de evocar aquela hora rúbrica unica — maré alta de entusiasmo! — em que, nos *Galitos* os olhos feiticeiros das vossas azougadas tricanas, quais outras fontes de Juvénia, dando a tantos de nós, os que já dobrámos o cabo tormentoso dos quarenta, a dôce ilusão duma mocidade, aliás perdida, — êsses olhos de encantar levaram-nos a fazer côro com as suas vozes frescas, musicais, gargantas argentinas onde cantam rouxinois, impeliram-nos a trocarmos nossos abraços no redopiar de dansas, — pois todos ali cantámos, pois todos ali dansámos: — novos e velhos, velhos e novos!

Ah! Como está presente na nossa memória, viva no nosso coração, clara nos nossos olhos, a fidalguia com que Aveiro acolheu Viana nas *Meninas da nossa barra*..., — flôres, palmas, vivas, músicas, calor que só do coração póde brotar! E todo êsse espectáculo quente, todo êsse cenário vibrante, nós o trouxemos direitinho, aconchegado nas vossas delicadas gôndolas a navegar no mar das meninas dos nossos olhos.

Que bela embaixada esta com que pagueis a nossa última visita! Connôsco ía, é certo, o nosso melhor poeta, Salvato Feijó: convôsco vem o vosso mais alto orador, Alberto Souto.

Que excelente peregrinação esta vinda das terras espalmadas do Vouga, o rio que, na sua sentença de forçado, caminha para o mar num espreguiçar-se saüdoso pela populosa e linda Gafanha, pela buliçosa e fresca Costa Nova, pelo exuberante e sugestivo S. Jacinto!

Que melhores representantes poderiam acreditar Aveiro junto de nós, Aveiro que foi pátria de audaciosos nautas, refúgio de princêsas santas, lar donde se erguem, como a vigorosa ave rompante do seu nobre brazão de armas, a mais potente voz dum português de lei, — José Estêvão Coelho de Magalhães. O fogo da sua eloqüência conquistou-lhe as merecidas palmas académicas; o ardôr com que se bateu pela Liberdade grangeou-lhe o significativo Colar da Tôrre e Espada!

Senhores Excursionistas:

Sois possuídores de magestade bastante para que encarneis, nêste momento, aquêle rei que, encalmado, vendo chegar junto de si um pobre homem, que nós personificâmos, que lhe levava alguma água na concha das suas mãos, o recebeu alegremente, não olhando à pouca qualidade daquêle serviço, mas sòmente à vontade com que se lhe ofereceu.

E vós, briosos componentes do *Grupo Cénico dos Galitos* que aqui estais a *Cantar de Galo* — e muito bem! — aceitai os protestos da nossa muita admiração, do nosso veemente aplauso na singeleza da lembrança que ousâmos depôr nas vossas mãos carinhosas, no vosso regaço amigo.

É modesto trofeu, mas agasalhado no recanto-museu da vossa séde, êle há-de por certo, ajudar-vos a recordar, não um *engano de alma lêdo e cego*, mas uma afeição que vimos cultivando como preceito religioso, — fogo que quanto mais arde mais consola, que quanto mais queima mais alimenta, que quanto mais se comunica mais se aviva; que é alegria sempre que vos vêmos chegar, que é pena sempre que vos vemos partir, — e depois saüdade, muita saüdade! Saüdade sempre!

* * *

No dia seguinte repetiu-se o espectáculo com o mesmo entusiasmo do dia anterior.

A despedida

Se a recepção foi imponente a despedida não se descreve. Foi um delirio. Todo aquele povo amigo, como que atraido por um íman, veio á estação trazer-nos o seu abraço afectuoso tendo o comercio, para dar maior realce á manifestação, encerrado as suas portas.

* * *

Impossivel dar uma pálida ideia, sequer, do que se passou em Viana. O delirio, a loucura, o entusiasmo vivo de aveirenses e vianenses quando se encontraram, durante as horas que conviveram na princeza do Lima, são indiscritíveis, não havendo penas que os possam relatar. A nossa reportagem é, pois, inexpressiva, incolor, talvez menos fiel. Há coisas que se vêem e se sentem, se sentem e não se podem traduzir por palavras. Foi o que aconteceu em Viana com todos os que partiram de Aveiro.

Dissemos na semana passada que as duas cidades pareciam ser as mais amigas do mundo. Depois do que se passou não resta dúvida nenhuma.

E, de facto, onde existem duas terras, onde, que se estimem, que se queiram, que se votem tão fraternal carinho, como Aveiro e Viana, onde?!

EXAMES

Na Universidade de Coimbra transitaram: para o 3.º ano de Direito, o nosso amigo José Maria Soares Carinhas; para o 2.º da mesma Faculdade o estudante Joaquim da Rocha e Cunha e concluiu os preparatorios de medicina o aluno José Cardoso Couceiro.

São filhos, respectivamente, dos srs. Agostinho Soares Carinhas, Silverio da Rocha e Cunha, capitão de Mar e Guerra e dr. Eugenio Couceiro.

* * *

Na Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa tambem concluiu o 1.º ano, o estudante Artur Paz, filho do sr. dr. Henrique Paz. secretario geral do G. Civil de Vizeu.

Felicitações a todos.

Tenente Morio Costa

Vindo de Lobito (Africa Ocidental) onde desempenhou, durante tres anos, o cargo de capitão do porto, chegou, na quarta-feira, a esta cidade, o sr. tenente Mario Ferreira da Costa que aqui conta muitas simpatias.

O *Democrata* cumprimenta o distinto oficial da Armada.

Centro de Aviação Naval

Para substituir o sr. Cardoso de Oliveira, 1.º tenente da Armada, que vai deixar o comando do Centro de Aviação, foi nomeado para o substituir o seu camarada sr. Paulo Viana.

Não está ainda designado o dia da posse.

Por terras longinquas

Impressões de viagem escritas à pressa

Hendaya, 17 de Julho

Daqui a poucos dias faz um ano que, em companhia de alguns amigos, tive ensejo de percorrer na província do nosso ridente Minho algumas localidades que ainda não conhecia e depois, passando a fronteira, do lado de lá de Espanha, outras de cuja belêsa a Galiza se orgulha como La-Guardia, com o seu Monte de Santa Tecla; Vigo com a sua famosa baía; Pontevedra, com os seus jardins; S. Tiago de Compostela, com a sua Catedral e Universidade; La Coruña, com o seu atraente aspecto de cidade moderna; La Toja, Redondela, terra dos antigos amolas tesouras e navalhas, etc., etc., etc. Pois agora, decorridos quási 365 dias sobre essa viagem, que durou uma semana e de que guardo as melhores recordações, outra encetei com mais amplos objectivos, tendo partido ontem de Aveiro com bilhete para Paris donde sigo à Bélgica e daí, em companhia de António Madaíl, que me espera na *gare* de Bruxelas, em busca de novos horisontes e de sensações de agrado que enchem o nosso espírito de prazer e dêem gôsto — porque não dize-lo? — aos sentidos, pois não só de pão vive o homem e na vida, como no teatro, é preciso, para que se não torne monótoma, mudar o cenário...

Hendaya é a primeira terra francesa que piso. Pelo caminho nada encontrei digno de referência especial. Até Vilar Formoso, fronteira portuguêsa, a paisagem é um encanto. Apreciei-a porque nunca tinha passado de Luso. Depois não. A Espanha fica a perder de vista. Só antes de chegar a Irmar a praia de S. Sebastian prende a atenção assim como a travessia dos Pirineus. A noite, porém, foi mal dormida e essa circunstância, parecendo que não, influe muito porque dispõe mal. Todavia não deixei de fixar, admirando-os, os principais pontos que se me depararam no trajecto desde a madrugada e que condizem perfeitamente com a descrição que dêles já tinha ouvido fazer.

E mais nada, por hoje. Este preâmbulo é escrito na *gare* da estação, ao correr da pena, como, de resto, vai suceder ás outras cartas que enviar. O que acabo de notar é que esta gente tanto fala francês como espanhol, numa mistura de línguas que me deixa aturdido. Mas não faz mal. E' por pouco tempo. Daqui a alguns minutos continúo a viagem para a capital da França e acabam as confusões. Devo chegar ao fim da tarde porque é um estirão difícil de vencer a-pezar-da rapidez do comboio. De lá voltarei a escrever. Como, de resto, continuarei das outras partes onde fôr levado por António Madaíl a quem vou ficar a dever o mais rico passeio de tôda a minha vida. Sim, porque o melhor ainda está para vir. É um plano vasto e variado o que temos em vista executar e nessa conformidade só à medida do que se fôr desenrolando me poderei pronunciar. Termino, portanto, desvanecido e sem esconder a muita satisfação que sinto por me encontrar em França — pois que ha-de merecer sempre a simpatia do mundo inteiro.

Tem êsse direito.

Paris, 18 de Julho

C'est arrivé!

Eis-me na capital de França, sônho dourado que tantos anos alimentei e que, afinal, sempre se transformou em realidade com um aprazimento difícil de descrever!

Cheguei ontem à *gare* d'Orsay pelas 21,30 horas. Subi ao pavimento superior pela escada rolante, meti-me num *taxi* e aqui estou no Hotel Terminus, perto da *gare* do Norte, onde logo, às 14 horas, tomarei o *rápido* para Bruxelas. Não posso ainda dizer nada, àcêrca do que isto é. Estou confundido. Tenho de esfregar bem os olhos porque o passeio que ontem mesmo dei por essas ruas e *boulevards* no auto que me conduziu foi insuficiente para só em presença dêle fazer apreciações. Dos arrabaldes de Paris, sim, dêsses é que já posso dizer alguma coisa pela impressão agradavel que me deixaram. Tiradas as devidas proporções são como os nossos. Os terrênos todos cultivados, árvores, muitas árvores, exuberantes de seiva, a dar à paisagem um aspecto de encanto que a ninguém passa despercebido. Do *sud*, não obstante a sua velocidade de Hendaya para cá, atingir, por vezes, 120 quilómetros à hora, vê-se tudo isso. E' uma maravilha!

E que querem que diga mais a esta hora, 9 da manhã, com o sol encoberto e as núvens encasteladas, dando a entender brusca mudança de tempo? Franquesinha franca: é impossível ir àlém do que aqui fica já. Mas esperem: aqui em frente ao quarto onde estou rabiscando, acaba de aparecer, à janela das trazeiras do seu prédio, uma rapariga galante, de olhos azuis, que me fita a sorrir. Que quererá isto dizer? A minha ingenüidade sente-se alvoroçada... Têm-me dito tanta coisa das mulheres de França!...

Mas que ela é *très jolie*, é. Se calhar, tudo artificial, incluindo a côr dos olhos...

Va-t-en!

Bruxelas, 19 de Julho

No expresso internacional Paris-Bruxelas, cujo percurso é feito em 3 horas e meia, tal o andamento que a locomotiva toma logo ao arrancar da procedência, cheguei ontem de tarde á capital da Belgica.

Na *gare* do Midi, *gare* formidavel que ultrapassa todos os limites do que aí possam imaginar, pois caberiam, talvez, lá dentro vinte estações do Rossio e outras tantas de S. Bento, na *gare* do Midi — dizia — Antonio Madail é o unico português que vejo imediatamente a aguardar-me com o seu proverbial sorriso de amigo dedicado, nos braços de quem caio cheio de satisfação, algo estonteado com tudo aquilo que desde a saída de Portugal me vem surpreendendo.

Como atraz deixo dito a viagem levou tres horas e meia, durante as quais pude avaliar tambem da riquêsa do solo e da importância dos povos que a locomotiva atravessa — cidades, vilas, aldeias.

De Bruxelas nada ainda poderei dizer senão que é uma cidade mais pequena do que Paris e com outro aspecto. Não é tão pesada; os seus predios, se ha um ou outro negro, os restantes são caiados ou pintados de côres vivas e isso torna a cidade mais alegre. As ruas são largas, espaçosas, e o movimento é grande nas principais arterias onde existem cafés que são o *dernier cri* das maravilhas. Por eles passei parte da noite. Nos de maior categoria orquestras bem organisadas a deleitar os frequentadores com musica excelente. Um excelente céu aberto! E nas ruas a luminosidade dos reclamos, genero *Jardim das Modas!* Não podem fazer uma ideia, sequer, do que isso é de vistoso — de fantastico!

Amigos: positivamente estou habitando outro mundo! Mas em todo o caso não deixarei de recordar Aveiro com saudade, servindo-me esta viagem para mais tarde fazer comparações e lembrar *coisas* aos que se dedicam ao aformoseamento dessa terra que só desejo façam por engrandecer.

A. R.

Notas Mundanas

Aniversários

Fazem anos: hoje, a sr.ª D. Rosa Gamelas, veneranda mãe da sr.ª D. Adelaide Gamelas e Costa; ámanhã, a sr.ª D. Maria Dionisia da Silva Freire, filha do sr. Dionisio Coelho da Silva e o sr. Agostinho de Sousa, professor do Ensino Técnico na capital; no dia 3, a sr.ª D. Maria do Ceu Cunha, o rev.º Lourenço da Silva Salgueiro e o menino Manuel Alberto de Melo Moreira, filho da da sr.ª D. Ilda de Melo Moreira; em 5, a sr.ª D. Júlia de Lemos Marques, esposa do nosso amigo Jorge Marques, residente no Lobito (África Ocidental); em 6, o sr. dr. Francisco Romão Machado, médico no Ultramar e em 7, o sr. Benjamim Ferreira Fidalgo, do Centro Comercial de Aveiro, L.ª.

— Também hoje completa o seu primeiro aniversário o inocente João José, filhinho do sr. Humberto Trindade e neto do sr. João José Trindade, da importante firma Trindade, Filhos.

Parabens.

Casamentos

Efectuou-se, na penultima quinta-feira, o enlace da sr.ª D. Fernanda de Lacerda Cabral, dilecta filha da sr.ª D. Lucilia Lacerda Cabral e de seu marido o sr. Dossi Cabral, 1.º oficial de Finanças, com o estudante Luis Carlos Chaves de Lacerda Nunes.

Paraninfaram, por parte da noiva, a sr.ª D. Judith de Souza Monteiro Sá Marques e seu marido o sr. Acácio de Sá Marques Figueiredo, tesoureiro de Finanças e pelo noivo os srs. Julio Rodrigues Vieira e Tiago Ribeiro, oficiais da Direcção de Finanças deste distrito.

Muitas venturas.

— Pelo sr. Américo Valente foi pedida, na penúltima quinta-feira, para seu filho o sr. dr. Acácio de Oliveira Valente, médico e administrador do concelho de Ovar, a mão da sr.ª D. Maria Ermelinda de Melo Cardoso Couceiro, gentil filha da sr.ª D. Alda de Melo Cardoso Couceiro e de seu marido, o nosso velho amigo dr. Eugénio Couceiro, esclarecido clinico nesta cidade.

O enlace efectuar-se á brevemente.

— Para o sr. Vital da Silva Fialho, escriturário da Junta Autónoma de Estradas, também foi pedida, no domingo, a sr.ª D. Maria Ávia de Melo Carvalho, prendada filha da sr.ª D. Maria de Melo e Costa, distinta professora e do sr. Arménio Duarte de Carvalho.

O pedido foi feito pelo sr. António Fialho, comerciante em Santarém e pai do noivo.

Gente nova

Foi registada, no ultimo sabado, a filhinha do sr. Marcelino de Oliveira Sergio, tendo tesmunhado acto o sr. Anibal Ramos e o estudante João da Costa Sucena Matos, tio da creança.

Recebeu o nome de Crisanta.

Partidas e Chegadas

Cumprimentámos, no ultimo sabado, nesta cidade, onde veio de visita, o sr. João Herculano Graça, empregado nos escritorios da Vacuum Oil Company *da Covilhã.*

— Tambem aqui vimos esta semana os srs. dr. Henrique Paz, secretario geral do G. Civil de Viseu; dr, Angelo Graça, médico em Silveiro (Oiã) e Joaquim Antonio Vieira, residente em Ovar.

Praias e Termas

Com suas familias partiram para a Barra e Costa Nova, respectivamente, os srs. tenente Natividade e Silva e Manuel José da Costa Guimarães.

— Tambem já se encontra em Entre os Rios, o sr. Artur Lobo e esposa.

Doentes

Tem experimentado algumas melhoras o sr. coronel Gama Lobo, antigo comandante de Infantaria 19.

Desejamo-lhe completo restabelecimento.

BENEMERENCIA

=o=

Para comemorar o aniversário da morte do antigo vendedor de jornais José Monteiro, que prestou desinteressados serviços aos republicanos de Aveiro durante a propaganda, foi-nos entregue por seu filho, João Monteiro, que não esquece o seu progenitor, a quantia de 10$00, destinada aos pobres protegidos pelo *Democrata*.

Muito agradecidos.

Agradecimento

Aurora Branco Gonçalves e filhos, reconhecidos, agradecem por êste meio às pessôas que durante a doença de seu marido e pai, capitão José António Gonçalves, se interessaram pelo seu estado e após o triste desenlace tomaram parte nas homenagens que lhe fôram prestadas antes do seu cadáver seguir para Bragança.

A todos confessam a sua indelével gratidão.

Esgueira, 28 de Julho de 1936.

Necrologia

Florentino Vicente Ferreira

Dêsde domingo que não pertence ao número dos vivos, em virtude duma hemorragia cerebral lhe ter anquilado a existência, o sr. Florentino Vicente Ferreira, com quem largos anos tivemos relações de amisade, pois reunia predicados que o impunha à nossa estima e à nossa consideração.

O extinto, devido à nobreza dos seus sentimentos e à sua extrema bondade, era muito considerado no nosso meio, sendo com mágua que recebemos a notícia da sua morte. É que algumas vezes nos deu provas da sua solidariedade, manifestando-nos o seu apoio e a sua dedicação em horas amargas e em momentos críticos da atribulada vida dêste jornal.

Foi o único proposto do antigo recebedor desta comarca, Manuel de Sousa Brito, já falecido, lugar que desempenhou com a maior honestidade e proficiencia, passando mais tarde para a Câmara Municipal, onde exerceu as funções de tesoureiro até à sua aposentação.

No antigo regímen acompanhou o conde de A'gueda, de quem era amigo dedicado, vivendo, após a implantação da República, alheado da política, sem contudo abdicar dos seus princípios.

O seu cadáver foi conduzido para a igreja da Misericórdia, onde fôram resados responsos, tendo-se efectuado, no dia seguinte, o funeral, que atingiu proporções de grandiosidade, incorporando-se nêle pessôas de tôdas as categorias sociais. A chave da urna conduzia-a o sr. dr. Lourenço Peixinho, activo presidente da Câmara, e durante o trajecto, dêsde a Praça da República até o cemitério central, organisaram-se os seguintes turnos:

1.º

Dr. Querubim Guimarães, Francisco da Silva Rocha, Egas Salgueiro e Alfredo Cesar de Brito.

2.º

Dr. Abílio Barreto, Alfredo Esteves, Manuel Prat e José Augusto Martins Taveira.

3.º

José Marques Sobreiro, Antonio Lé, A. Miranda e representante dos Bombeiros Voluntarios.

4.º

Dr. Pompeu Cardoso, Silverio Amador, Marcelino Sergio e representante da *Banda Amizade*.

5.º

Jeremias Vicente Ferreira, Luiz Vicente Ferreira, Reinaldo de Sousa e Manuel Cação Gaspar.

A' viúva, a sr.ª D. Corina Lopes Ferreira; a seus filhos, Manuel e António Vicente Ferreira; a seu irmão Jeremias Vicente Ferreira; a seu cunhado Manuel Cação Gaspar e a tôda a família enlutada, *O Democrata* envia o seu cartão de sentidas condolências.

* * *

No Hospital, onde se encontrava em tratamento, também terminou os seus dias Alfredo Martins Leal, que fez parte das nossas bandas de música, chegando a reger a *Amisade* durante algum tempo.

Vitimou-o a tuberculose renal, deixando em precárias circunstâncias mulher e cinco filhos, todos menores.

Contava 42 anos e foi sepultado no cemitério novo, aonde o acompanharam alguns amigos e os componentes daquela banda e da dos Bombeiros Guilherme G. Fernandes.

* * *

Em Lisboa, onde residia, também se finou, no domingo, a sr.ª D. Maria Violeta Poeira Beja da Silva, filha da sr.ª D. Assunção Poeira Beja da Silva e do nosso malogrado amigo António Mariá Beja da Silva, que aqui exerceu as funções de comissário de polícia e a quem a morte arrebatou em circunstâncias que aos abstemos de relatar.

A inditosa senhora desaparece em plena mocidade, deixando mergulhados numa dôr profunda sua extremosa mãe e irmãos, para quem vai a íntima expressão do nosso pesar.

* * *

Na mesma cidade também deixou de existir, no último sábado, o nosso conterrâneo Abel Marques da Graça, sargento da Armada, reformado, e que para a capital foi residir há anos.

Deixa viúva com dois filhos, e não devia ter mais de 57 anos.

Livros

«GRAMMATICA DA LINGOAGEM PORTUGUESA»

Sob a direcção do sr. dr. Sá Nogueira, José Fernandes Júnior acaba de publicar a 3.ª edição da *Grammatica da lingoagem portuguesa*, de Fernão de Oliveira.

Seria extremamente grato ao nosso espírito apreciar condignamente, nestas colunas, o trabalho do ilustre director da revista de filologia *A Língua Portuguesa*, não só por semelhantes tarefas nos merecerem inteiro aplauso mas também por Fernão de Oliveira, segundo Henrique Lopes de Mendonça, ter nascido em Aveiro.

Afazeres inadiáveis impossibilitam-nos, porém, de estudar com o cuidado necessário esta 3.ª edição da primeira gramática que se publicou em português, do português, por uni português e em Portugal.

A presente edição, além do prefácio do sr. dr. Rodrigo de Sá Nogueira, encerra umas *Breves notas sobre Fernão de Oliveira e a sua Gramática*, da autoria do prof. Aníbal Ferreira Henriques.

No prefácio, entre outras coisas, fala-se das razões porque se impunha uma nova edição da obra.

Nas *Breves notas*, a matéria versada é assim distribuida:

I—Dados biográficos
II—Labor científico e literário
III—A 2.ª edição da *Gramática*
IV—Comentários finais.

O trabalho do sr. prof. Aníbal Henriques, que «não é um estudo pormenorizado de Fernão de Oliveira», como nos diz quem o escreveu, pouco ou nada de novo apresenta.

O Padre Fernando Oliveira e a sua obra náutica, de Henrique Lopes de Mendonça, forneceu-lhe quási todos os dados biográficos e bibliográficos.

Nem por tal facto deixa de ser prestimoso o volume, de que, além desta, existem mais duas edições: a 1.ª, de 1536, coeva do autor, de que só há, salvo êrro, um exemplar, e a 2.ª, mu to imperfeita, de 1871.

O texto da gramática propriamente dita, que deve ter sido cuidadosamente revisto pelo sr. dr. Sá Nogueira, apresenta, à margem, para facilitar o estudo, umas notas indicativas dos pontos mais importantes da obra.

A todos aquêles que se dedicam ao estudo e ao ensino da língua portuguesa, o volume em referência torna-se indispensável.

Declaração

Joaquim de Pinho Vinagre, da Gafanha da Nazaret, vem por êste meio declarar que tendo abandonado o lar sua mulher, Rosa Marques Vinagre, não se responsabilisa por dívidas que esta contraia em seu nome.

Gafanha da Nazaret, 1 de Agosto de 1936.

Secção desportiva

Natação

Continuemos a falar sôbre natação, sôbre o desporto mais indicado para Aveiro, sôbre o desporto, enfim, que mais cultores devia possuir em Portugal. Infelizmente, Deus dá nozes a quem não tem dentes. Aveiro, com uma ria admirável para a prática da natação, Aveiro, diziamos, vota uma confrangedora indiferença ao mais higiénico e saúdável dos desportos. E quem fala de Aveiro fala do paiz, dêste paiz que se pode dizer europeu por, afinal, estar situado na Europa, dêste paiz que, possuindo uma extensíssima orla marítima, cada vez volta mais as costas ao Atlântico, cada vez, nestas coisas de desporto, se entrega mais ás delícias do *foot-ball*, desprezando, assim, a tradição e a própria natureza.

Há paizes que não têm um palmo de costas marítimas e, no entanto, contam verdadeiros campeões no admirável desporto que é a natação. Nós que, afinal, somos dum paiz *á beira-mar plantado*, dum paiz que, afinal, é uma faixa de terreno á beira do oceano, nós não possuimos, exceptuando talvez Silva Marques, um homem capaz de nadar lá fora ao lado dos estrangeiros de regular classe.

Aveiro, com materia prima excelente, com rapazes, no dizer dos técnicos, como em nenhuma parte do paiz se encontram, acabou por se desinteressar completamente da modalidade.

Dissemos aqui, há oito dias, que no *Beira-Mar* existem elementos capazes de levarem outra vez a natação local ao caminho da glória. Dissemos e não hesitamos repeti-lo. Está, de facto, nas suas mãos, o destino da natação aveirense. Se se dispuzerem a insuflar-lhe vigor—é certo o triunfo. Se permanecerem, como até aqui, criminosamente quási, de braços cruzados—não tardará a morte da modalidade cá na cidade.

Mas o dever que lhes assiste é salvar a natação aveirense, reatar as tradições, levá-la novamente ao plano que já ocupou.

Segundo nos informam, o movimento salvador já se esboça, a Associação Aveirense de Natação, ela também, já dá sinais de vida.

Não calculam os aveirenses o prazer que semelhante notícia nos causa, o júbilo que sentimos por conterrâneos nossos estarem mostrando que a natação não lhes é indiferente.

Temos elogiado fartamente os actuais dirigentes do *Beira-Mar* no que diz respeito a *foot-ball*. Mas no que se refere a natação jàmais os louvámos, aprestavamo-nos, até, para os censurar. Na realidade, os homens que estiveram muitos anos á frente do popular club aveirense têm um bom saldo positivo a seu favor no capítulo Natação...

Os actuais dirigentes do *Beira-Mar* só por manifesto desinteresse não deram ainda o *empurrão* necessário, o impulso preciso, á natação aveirense. Inteligência e faculdades de trabalho não lhes faltam. Portanto, estamos no nosso direito de pedir que ponham tais predicados ao serviço do saudavel desporto e, também, da nossa terra.

Para já, se nos dão licença dum alvitre, deviam realizar-se provas inter-sócios do club. Todos os domingos, ali na ria, corridas de rapazes, principiantes, juniors, seniors—para revelar valores, para criar, entre os praticantes, gôsto pela natação, para, enfim, a cidade presenciar, no seu dia de descanço, provas desportivas. Organisações baratas pedem bilhetes baratos. Portanto, as entradas, se não pudessem ser de graça, o que só daria popularidade ao club, seriam a preços mínimos.

Não ignoramos que estas coisas dão muito trabalho, que o club já tem muita popularidade, que os rapazes nadam muitas vezes, que os aveirenses, com a canícula, fogem em massa, aos domingos, para a praia...

Temos a certeza, porém, que, a-pesar de tudo, o nosso alvitre não é completamente desaproveitavel. E' uma questão de se experimentar, de se tirar a prova real...

Rêmo

Iniciou-se, por obra de férreas vontades, o renascimento do remo aveirense. O que parecia impossível—começa a ter efectivação. Torna-se realidade o que, aqui há anos, parecia uma quimera...

O remo, desporto cheio de beleza, desporto dos mais saudáveis, vai ganhando, pois, fundas raizes em Aveiro, nesta cidade, tão bem fadada pela Natureza e tão mal aproveitada pelos homens. Foi necessário lutar muito, ser muito perseverante, na verdade, para que o remo aveirense começasse a surgir de novo. Terra de remediados, não de ricos, o desporto aveirense singra sempre atravez de mil dificuldades. E o remo, que é um desporto mais ou menos caro, parecia estar destinado a ser praticado em Aveiro dá só para as calendas gregas.

Mas o inesperado deu-se, a regra não se confirmou, o remo, por obra de firmes vontades, surgiu.

Primeiramente, vieram dois *yoles-de-mer*. Agora, chegaram dois *out-rigers* e um *skiff*.

Temos, conseqüentemente, cinco unidades, cinco unidades que àmanhã sulcarão as águas da nossa ria sem par, que àmanhã darão fôrça, vigor, saúde, aos rapazes da nossa terra.

Cabe a honra do feito cometido, da forte realidade alcançada, aos homens da Secção Náutica do *Club dos Galitos*. E se nos é grato louvar, como desportistas o seu trabalho em prol do desporto, mais grato nos é, porém, como aveirenses, elogiar a sua empreza em favor de Aveiro.

Compreendia-se lá, efectivamente, que Aveiro, banhada como está por uma ria sem igual na península, não possuisse uma équipe de rêmo? ! Compreendia-se lá que Aveiro, na verdade, não olhasse com olhos de ver para os desportos náuticos—os desportos que, por natureza, lhe estão mais indicados ! ? Não se compreendia nem se compreende. Temos, lamentàvelmente, votado a um abandono imperdoável os desportos que se praticam na água. E, por causa disso, só merecemos censuras de quem nos conhece, de quem já, algum dia, visitou Aveiro.

Mas chegou o momento da contricção, a hora do bom-senso, o dia da clarividência? Pois não agitemos mais o passado, não se bula mais no que lá vai. Olhemos, sim, para o futuro—e só o futuro nos interessa, porque o futuro é sinónimo de esperança, o passado de desilusão.

Nada temos, pessoalmente, que nos envaidecer nas atribuições dos outros. E, podemos garanti-lo, não nos emiscuiremos. Agora, na qualidade de cronista desportivo, o caso é outro. E, de tal guisa, eis-nos desde já a inquirir, destas colunas, o que tenciona fazer, na presente época, dos seus barcos, a Secção Náutica do *Club dos Galitos*. Estamos certos que não tardará vermos, sulcando a ria, a flotilha vermelha e branca.

A cidade reclama a nota de movimento e côr que os barcos de desporto podem dar-lhe, a nota que, desde há muito, lhe falta. Resta ambicionar que a flotilha não seja apenas utilisada por aqueles que já puzeram de lado as competições mas também—o que é justo, por quantos, satisfazendo determinadas exigências, queiram remar com a mira de amanhã darem réplica aos portuenses, aos figueirenses, aos lisboetas.

O pior, ou seja começar, está feito. O caminho, agora, é mais plano, é mais dôce, é mais convidativo. Têm qualidades de sobra para triunfar—e já o demonstraram—os dirigentes da Náutica dos *Galitos*. Querer é poder e êles, se quizerem, e querem, podem com certeza.

Seguimos com verdadeiro interêsse o seu trabalho.

Foot-Ball

Por absoluta falta de espaço não nos é possível continuar hoje a escrever sôbre o *foot-ball* aveirense.

Y.

Uma medida meritória do Município de Lisboa

A Câmara Municipal de Lisboa intervindo, segundo supômos, pela primeira vez—nos domínios da apicultura, proibiu por postura de 7 de Junho de 1928, a manutenção de colmeias ou de cortiços de Abelhas nos prédios urbanos ou suas dependências, dentro da área da cidade.

A Comissão Administrativa da Presidência do Snr. Coronel Linhares de Lima, numa justa compreensão da função económica e educativa da apicultura, revogou justificadamente a postura que proibia a sua prática na cidade de Lisboa, substituindo-a por esta outra absolutamente razoável e de acôrdo com o que, lá por fóra, se tem legislado quanto à existência de colmeais nos meios urbanos.

E' do seguinte teor a postura de 29 de Junho de 1933:

«A Comissão Administrativa do Município de Lisboa, aprovou na sua última sessão uma postura no sentido de que nos prédios urbanos ou suas dependências, dentro da área de Lisboa, só seja permitida a manutenção de colmeias ou cortiços de abêlhas, quando requerida e em casos justificados, mediante autorização da Câmara, sôbre parecer favorável da 5.ª Repartição.

«A distância entre as colmeias e a via pública, nunca poderá ser inferior a 10 metros, nas propriedades não muradas e de 5 metros nas propriedades muradas; e a distância entre as mesmas colmeias e as propriedades vizinhas, nunca podera ser inferiôr a 5 metros nas não muradas e a 2 metros nas muradas.

«A taxa anual a aplicar será de um escudo por cada colmeia e a inobservância das disposições desta Postura implicará a multa de 100$00 pela 1.ª vez e de 200$00, na reincidência».

Tendo-se verificado recentemente que adicionais vários a que estão sujeitas as taxas camarárias agravavam extraordinàriamente a taxa anual de 1$00, elevando-a a 23$10, por colmeia e por ano, o que tornava econòmicamente impraticável—apesar do aspecto recreativo que representam as explorações apícolas existentes na cidade—a existência de colónias de abêlhas, foram êstes inconvenientes levados ao conhecimento do Município de Lisbôa, que, ponderando-os devidamente, resolveu em sessão de 11 de Junho findo, revogar o artg.º 2.º da postura aprovada em sessão municipal de 29 de Junho de 1933, a qual estabelecia a taxa anual de 1$00 por colmeia».

Trata-se manifestamente duma decisão inteligente do Município da Capital, que nos apraz pôr em destaque.

D'ora avante estão pois isentas de qualquer contribuição as colónias de abelhas dispersas pelos jardins e quintais da capital, que, nalgumas zônas, oferece as mais propícias condições para a vida das abelhas, permitindo a colheita de mel valioso, não pela quantidade mas pela sua qualidade. Há apenas a atender à sua instalação em relação à via pública e às propriedades vizinhas.

O exemplo do Município de Lisboa, digno dos maiores louvôres, bem merece ser seguido pelos edis de alguns centros urbanos situados nas zonas mais favoráveis para a prática da apicultura.

Correspondencias

Esgueira, 30 de Julho

Efectuou-se esta manhã o casamento da menina Sílvia Pinho, filha do sr. António Joaquim de Pinho, com o sr. António da Silva Campos, enfermeiro do Hospital dessa cidade.

Serviram de padrinhos, no Registo Civil, a irmã da noiva sr.ª D. Rosa de Pinho Martins Cabrita e marido, o sr. Artur Cabrita, funcionário da Junta Autónoma de Estradas.

Em casa dos pais da noiva foi servido aos convidados um fino *copo de água*, findo o qual os recem-casados partiram em viagem de núpcias para o sul.

Muitas felicidades.

—Já vimos na rua, quási restabelecido, o sr. Manuel Joaquim da Silva que tem passado incomodado de saúde.

Folgâmos.

C.

Oliveirinha, 26 de Julho

Faleceu há dias em casa de seu genro, o sr. José Gonçalves, a sr.ª Rosa Gonçalves de Jesus, de 82 anos de idade, realizando-se o seu enterro com largo acompanhamento.

A extinta era mãe dos nossos amigos Adriano e Manuel Gonçalves Madail, aos quais enviâmos condolências, bem como à restante família enlutada.

—Também ante-ontem deixou de existir a sr.ª Tereza de Jesus Ferreira —a *Baixeira*—de 73 anos, casada com o sr. José Dias Afonso.

Vitimou-a uma hemorragia cerebral.

—Deu à luz uma creança do sexo masculino, a esposa do nosso amigo Manuel Gonçalves de Oliveira, abastado lavrador desta freguesia.

Parabéns.

—Estando a ser organizada a relação de todos os pobres da freguesia, é de tôda a conveniência que no mais curto espaço de tempo êles indiquem à Junta as suas moradas, podendo, para isso, dirigir-se a qualquer dos seus membros.—C.

A fechar

—

Soma exacta:

—Ora vamos lá a vêr isto; um ponteiro, um cabo de vassoira e uma caçarola, quantos objectos são?

—São quatro.

—Quatro? Como é que tu fazes essa contra?

—Assim: o ponteiro, um; o cabo da vassoira, dois; a caçarola, três; e a tampa da caçarola, quatro.

Horário dos combóios

Partidas para o norte	Partidas para o sul
5,41 (tram.)	7,56 (tram.) Fig.
5,27 (correio)	9,41 (rápido)[2]
7,15 (tram.)	10,59 (correio)
10,22 (»)	13,23 (tram.) Fig.
12,56 (rápido)	14,03 (sud)
13,43 (tram.)	16,19 (tram.)
16,58 (»)	19,29 (rápido)
17,55 (sud)	21,51 (tram.)
18,30 (correio)	0,31 (correio)
21,09 (tram.)	Do Porto chegam tram. às 19,05 e às 20,39, que não seguem.
22,28 (rápido)[1]	

1 Só ás 3.as, 5.as e sábados.
2 Só às 2.as, 4.as e 6.as.

Linha do Vale do Vouga

PARTIDAS	CHEGADAS
7,57	8,38
13,45	10,15
17,00	18,21
19,09	22,54

Comarca de Aveiro

—o—

Editos de 30 dias

1.ª publicação

No processo para concessão do benefício da Assistência Judiciária, pendente nesta Comissão e requerido por Celeste Lopes Gama, casada, doméstica, residente em Aveiro, contra seu marido Augusto Martins Rodrigues da Paula Santos, empregado comercial, ausente em parte incerta do Brasil, mas cujo último domicilio no Continente foi em Aveiro, para o efeito de contra êle intentar acção de divórcio litigioso, correm éditos de 30 dias, a contar da segunda e última publicação dêste anúncio, citando o dito Augusto Martins Rodrigues da Paula Santos, para no praso de 10 dias, findo que seja o dos éditos, contestar, querendo, o referido pedido de Assistência Judiciária, sob pena de revelia e as demais da Lei.

Aveiro, 27 de Julho de 1936.

Verifiquei.

O Presidente da Comissão de Assistência Judiciária,

José de Almeida Azevedo

O Chefe da Secção,

João António de Morais Sarmento